

Curso: Licenciatura em Pedagogia

Disciplina: Pesquisa e Processos Educativos I, Pedagogia e Profissão Docente e Leitura e Produção Textual

Professoras: Jéssica Albino, Filomena Lúcia Gossler Rodrigues da Silva e Maria Salete

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Tamara Becher Oliveira¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é compreender como as histórias de vida e a trajetória entre a formação e o trabalho docente contribuem para a construção da identidade profissional. Logo, precisamos entender quais eram os conceitos de Educação, englobando: Pedagogia, Profissão e Profissionalização Docente; já que esses conceitos fazem parte da trajetória dos educadores. Nesse processo utilizamos como metodologia, pesquisas bibliográficas de autores como Pimenta, Nóvoa, Brandão, dentre outros, bem como os dados coletados nas entrevistas com 65 professores de diversas áreas da educação. Portanto, analisando essas entrevistas, verificou-se que o processo de construção de suas identidades docentes estavam entrelaçadas com suas histórias de vida, e que essa identidade não era algo permanente, ela ia se moldando de acordo com as complexidades encontradas em seu cotidiano no chão da escola.

Palavras-chave: Construção da Identidade Docente. Profissão Docente. Profissionalização Docente. Pedagogia.

1 INTRODUÇÃO

O presente texto relaciona discussões entre as disciplinas de Pesquisa e Processos Educativos I, Pedagogia e Profissão Docente e Leitura e Produção Textual do primeiro semestre do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campus Camboriú. Dessarte, tais disciplinas visam nos fazer refletir sobre o que é Educação, Pedagogia, Profissão e Profissionalização Docente a partir da contraposição entre as concepções iniciais dos acadêmicos e o referencial teórico acerca do tema.

A reflexão aqui apresentada é resultado de pesquisas bibliográficas, utilizando as obras de Aranha (2006), Brandão (2007), Nóvoa (2007), Pimenta (2009), dentre outros, assim como debates em sala de aula, entrevistas com professores: em início, meio e fim de

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal Catarinense - Campos Camboriú - email: tbecheroliveira@gmail.com

carreira (ou já aposentados). Para isso, como metodologia utilizamos de um gravador vocal e de um roteiro com perguntas pré-estabelecidas (elaboradas pelas professoras das cadeiras supracitadas). Ademais, as referidas entrevistas também foram analisadas e tabuladas, para que fosse possível usá-las como fonte da construção da identidade docente, ou seja a partir dos relatos dos professores entrevistados. Acresce, ainda, a análise de alguns filmes e vídeos relacionados aos assuntos ora estudados.

Houve, também, alguns debates com professores convidados pela docente encarregada pela disciplina: Pedagogia e Profissão Docente. Eles nos contaram um pouco das suas histórias de vida, suas trajetórias como professores e, primordialmente, como criaram-se (e continuam sendo) suas identidades profissionais.

Assim sendo, esse artigo foi organizado da seguinte maneira: História da educação no Brasil; O desdobramento da Pedagogia no Brasil; Profissão Docente; Análise das entrevistas com os professores; Construção da Identidade Docente; e Profissionalização Docente.

Nota-se que o propósito deste trabalho é aprimorar o conhecimento enquanto discentes, bem como promover o melhor entendimento desse processo de identificação para com o trabalho ensimesmado uma vez que muitos dos acadêmicos não possuem experiência docente. Portanto, a relevância desse estudo está em compreender o processo de construção da identidade profissional expandindo os horizontes acadêmicos para um mundo novo de forma que os conhecimentos adquiridos contribuam para uma futura atuação como professor.

A produção desse artigo representa uma oportunidade de observar e absorver um emaranhado de conhecimentos que ainda não estavam devidamente explícitos, mas que, ao questionar-se e pesquisar-se mais profundamente cada assunto, confrontam-se conhecimentos teóricos e empíricos o que possibilita a construção de um conhecimento mais consistente e fundamentado.

2 APERFEIÇOANDO CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA, PROFISSÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE E ASSIM CONSTRUINDO NOSSA IDENTIDADE DOCENTE

Neste primeiro momento falaremos de Educação, que nos parece ser o aprendizado de disciplinas e desenvolvimento intelectual adquiridos desde a infância, por

intermédio da leitura, pesquisa e estudos acadêmicos, seguindo-se certa parcela do entendimento doutrinário. E, assim sendo, busquemos os ensinamentos de Brandão:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2007, p.3).

Logo, nas presentes pesquisas bibliográficas aprofundou-se no referido assunto e, por conseguinte, enveredou-se por outros contextos, esclarecendo pontos de fato importantes que antes não haviam sido vislumbrados. A título exemplificativo: O tipo de educação pode mudar conforme a localidade - área rural ou urbana. Nessa trajetória, muitas cidades, estados e países modificam o conteúdo didático conforme as especificidades da região, mas ainda existem os governantes que para economizar na produção desse material didático produzem-nos para todas as regiões o que, evidentemente, acaba dificultando o aprendizado dos estudantes, pois quanto mais o conteúdo for adaptado ao meio em que vive o aluno, mais fácil de absorção daquilo que está sendo aplicado.

Portanto, a educação está em todo lugar, bem como Brandão (2007) expõe em seu livro: a educação acontece em mundos diversos e de diferentes formas, seja em pequenas sociedades tribais de povos caçadores, agricultores ou pastores nômades, como também em países desenvolvidos e industrializados, ou ainda em tipos de sociedades e culturas sem Estado, com Estado em formação ou já consolidado entre e sobre as pessoas. O autor ainda fala que a educação existe em cada categoria de sujeitos de um povo - da família à comunidade. Ela é disseminada em todos os mundos sociais, incluindo várias práticas de aprendizado, no início, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas, mais tarde, com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Mas para entendermos mais sobre esse tema busquemos um pouco da História da Educação, por meio de trechos do livro História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil. Vejamos: "[...] o fenômeno educacional se desenrola no tempo e faz igualmente parte da história. Portanto, não se trata apenas de uma disciplina escolar chamada história da educação, mas igualmente da abordagem científica de um importante recorte da realidade" (ARANHA, 2011, p.24).

A autora coloca, ainda, que os cursos específicos de educação surgiram por volta de 1881. Antes disso os cursos eram de Magistério nas Escolas Normais e, então, nesse período

existia a disciplina de cultura geral, ou história geral e do Brasil; já a história da educação foi introduzida no currículo a partir da reforma de 1930.

No início, a História da Educação era interligada a Filosofia da Educação nos cursos de Magistério e Pedagogia, sendo constantemente comparada ao passado para, assim, poder transcender no futuro, já que, nessa época, a educação sofria forte influência religiosa, dominante em sua doutrina moral e espiritual, uma vez que nesse período quem ministrava tal disciplina eram os padres, seminaristas e cristãos em geral.

Finalmente nas décadas de 1930 e 1940, foram criadas faculdades de Educação, oportunizando-se, assim, a pesquisa e a elaboração de monografias e teses. Contudo, mesmo assim, a História da Educação sempre foi estudada superficialmente, faltando tempo ao aprofundamento no decorrer dos semestres nas faculdades. Todavia, só em 1950 é feito um projeto de construção de uma história da educação brasileira e nesse processo é feito um estudo de documentos originais e antigos os quais perfazem um movimento capaz de dialogar entre história da educação e sociologia da educação. Desse engajamento surge o desenvolvimento do sistema público de ensino (ARANHA, 2011).

O ensino no Brasil ainda se "arrasta", mas se compararmos ao período que vimos anteriormente, percebemos que houve um avanço. Entretanto, ainda vivemos um processo de aprimoramento, de movimento e possivelmente de maior mudança. Ainda no que tange a educação atual, ela se demonstra mais acessível e transformadora; os meios de construção do conhecimento não são mais tão restritos, porém, ainda não se alcançou o ideal e, para isso, forçoso será um grande comprometimento e muitas pesquisas (tanto da teoria da educação quanto do aprimoramento de técnicas para desenvolvimento de métodos de ensino em sala de aula).

Assim sendo, vemos o quanto é importante o professor sempre aperfeiçoar seus métodos de ensino, continuar buscando formação e se especializando a várias áreas da educação. De conformidade com isso, vemos grande crescimento na área da Pedagogia, com uma variedade de cursos de especializações, outros tantos de pós-graduação.

Nesse contexto percebemos a importância de discorrer um pouco também sobre a Pedagogia. Como mencionado no início desse artigo, foi-nos proposto pesquisar o significado de alguns conceitos, entre eles *Pedagogia*, que num primeiro momento nos parece só uma graduação que capacita pessoas e desenvolve métodos de ensino com o fim específico de formar educadores, mas, por óbvio, não se resume a isso, pois engloba um intrincado de práticas e saberes que tratar-se-ão durante o transcorrer textual.

Esclarecendo, a Pedagogia denota-se uma ferramenta poderosíssima na prática da

educação, porém ainda encontra-se perdida em sua denominação. Muitos veem-na como ciência da educação, outros dizem-na baseada na filosofia e ainda há os que consideram-na arte.

Não obstante, nem sempre a formação de professores foi tida como prioridade, antigamente, conforme Aranha (2006), quase não existiam escolas para formação de professores, as primeiras, no Brasil, datam de 1835, intituladas de Escolas Normais, as quais funcionavam precariamente com apenas um professor e poucos estudantes. Em torno das décadas de 1860, 70 e 80, muitas outras foram criadas, com duração muito instável, sempre fechando e retornando às atividades.

A autora ainda ressalta que o desleixo pelo preparo do professor fazia sentido numa cultura nada comprometida em priorizar a educação; sendo, naquela época, aceitável professores sem formação, porque não eram utilizados métodos pedagógicos nas instituições de ensino. Então, a profissão docente, naquele contexto, era completamente desvalorizada: os professores recebiam salários muito baixos e nenhum apoio didático era oferecido às escolas; os professores eram selecionados por meio de concursos e exames que, como não eram muito divulgados, ínfima era a disputa pelo cargo; os testes eram muito arcaicos, resumindo-se numa mera demonstração concisa de leitura, escrita com menor ou maior apuro caligráfico e resolução das quatro operações fundamentais da aritmética.

Nesse período as Escolas Normais eram só para formação de professores do sexo masculino. Somente trinta anos depois de fundada é que a primeira Escola Normal de São Paulo passou a ofertar vagas para mulheres e, com o passar do tempo, as turmas tornaram-se predominantemente femininas, diga-se, já no final do século XIX. Vale lembrar que nesse tempo não haviam faculdades, só cursos de magistério (ARANHA, 2011).

Contudo, a procura por formação no magistério por parte das mulheres, fez o número de escolas normais crescer. Assim, em 1883 funcionavam 22 (vinte e duas) em todo o Brasil. Com a regularidade das escolas nessa fase, o que se propunha era preparar o professor para se portar em sala, saber o que ensinar e como ensinar. Todavia, foi somente em 1935 que se criou o primeiro curso superior de formação de professores no Brasil, chamado na época de Escola de Professores, que concedia licença magistral para aqueles que obtivessem, na universidade, licença cultural. Diante desse acontecimento, é que surgem as mudanças nos quadros docentes, que, até então, eram ocupados por egressos de outras profissões, autodidatas ou práticos experimentados no magistério: estes, logo começam a renovar suas cadeiras com especialistas formados nessas faculdades.

Nessa época Aranha (2011) ressalta que havia outros cursos na área da educação, bem como, Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia. A princípio, haviam dois tipos de formações para o curso de Pedagogia, o de bacharelado, que durava 3 anos, e os de licenciatura, que duravam 4 anos, sendo o último dedicado às práticas didáticas. Dessa forma, os bacharéis ocupavam cargos de técnicos em educação e os licenciados eram destinados ao cargo de docência. Porém, em 1969 novas diretrizes foram implantadas, desse modo ficaram abolidas as distinções entre bacharel e licenciado. Agora as práticas didáticas eram disciplinas obrigatórias para formação do pedagogo. Nesse sentido as duas formações habilitariam as especialidades de supervisão pedagógica, orientação educacional, administração e inspeção escolar, bem como a docência.

Depois disso ocorreram ainda outras definições nas diretrizes curriculares do curso de Pedagogia, a última em 2006, atribuindo agora a formação de professores voltada à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; também para os cursos de nível médio, na modalidade normal; ao ensino na educação profissional nas áreas de serviços e apoio escolar, bem como, as atividades de organização e gestão educacionais.

De acordo com Veiga (2008): "A formação de professores constitui o ato de formar o docente, educar o futuro profissional para o exercício do magistério. Envolve uma ação a ser desenvolvida com alguém que vai desempenhar a tarefa de educar, de ensinar, de aprender, de pesquisar e de avaliar".

A formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de saber como fazer. É desesperante ver certos professores que têm genuinamente uma enorme vontade de fazer de outro modo e não sabem como. Têm o corpo e a cabeça cheios de teoria, de livros, de teses, de autores, mas não sabem como aquilo tudo se transforma em prática, como aquilo tudo se organiza numa prática coerente. Por isso, tenho defendido, há muitos anos, a necessidade de uma formação centrada nas práticas e na análise dessas práticas. (NÓVOA, 2007, p. 14)

De fato o professor tem, se não a mais, uma das profissões mais importantes do mundo, pois é ele quem mais forma e transforma a mente humana. E para que toda essa transformação possa acontecer de forma sistemática e produtiva, o educador precisa sempre se aperfeiçoar, estar sempre buscando especializações na área, para seu melhor desempenho e de seus alunos. Mas acredita-se, também, que é na prática, no chão da sala de aula que o professor desenvolve o autoconhecimento, percebendo suas limitações, suas fraquezas, assim como descobrindo suas qualidades, seus pontos fortes. Portanto, é no cotidiano que se forma a identidade docente.

A identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em dado contexto e momento históricos, como resposta a necessidades, que estão postas pelas sociedades, adquirindo estatuto de legalidade. [...] Essas considerações apontam para o caráter dinâmico da profissão docente como prática social. É na leitura crítica da profissão diante das realidades sociais que se buscam os referenciais para modificá-la. (PIMENTA, 2009, p.18-19).

Nesse sentido de acordo com Martin Lawn (2001), no texto "Os Professores e a Fabricação de Identidade" os docentes de instituições públicas sofrem grandes alterações em suas identidades, por fazerem parte de um sistema manobrado pelo Estado, ficam meio engessados no que diz respeito ao que ensinar e como ensinar. "Os professores podem aparecer invisíveis em descrições dos sistemas educativos, ou surgem apenas como "elementos neutros", uma massa imutável e indiferenciada que permanece constante ao longo do tempo e do espaço". (LAWN, 2001, p. 118). O autor ainda descreve que a identidade do professor é constantemente manipulada de acordo com a imagem que o governo quer passar a população.

Nesse mesmo texto, que relata um caso inglês, Lawn ainda aponta que no final dos anos 1990 ocorre uma enorme mudança e o novo professor tem outras competências, tais como: esperar sucesso, por partes dos alunos; assumir responsabilidade pessoal pelo próprio desenvolvimento no trabalho e avaliar a sua própria prática (em comparação com outros); trabalhar sob forte liderança; estabelecer redes com outros professores e trabalhar com os pais e empresas e, em troca, receberiam melhores salários e melhor estruturação da carreira, mas teriam que se submeter a uma avaliação regular de seus desempenho e que os mesmos fossem devidamente apreciados.

Nota-se que a partir deste momento o professor é apontado como o principal responsável, se não o único, pelo sucesso no aprendizado do aluno, como se esse sucesso não dependesse de um conjunto de fatores como, por exemplo, interesse do aluno no aprendizado, apoio dos pais, no que se refere as tarefas indicadas para resolver em casa, material didático atualizado, cedido pelo governo. As normas da escola também influenciam na autonomia do professor, dentre muitos outros fatores.

Na escola, a divisão do trabalho acontece, pois, de forma bastante contraditória. Diferentemente do modo de produção material, na escola pública, a cisão concepção-execução é mais formal que real. Embora existam normas legais a serem seguidas (cumpridas), nem sempre a prática cotidiana da escola corresponde a essas normas. Cada instituição possui sua própria lógica, suas possibilidades e limitações, que constituirão o contexto da prática docente. Compõem este contexto as normas institucionais, as condições materiais da escola, os recursos físicos, as condições objetivas de trabalho que resultam da negociação entre autoridades, professores, alunos e pais. (ROCKWELL & MERCADO, 1986. p. 67 apud PIMENTA 2009, p. 42-43)

Do mesmo modo que o Estado responsabiliza o educador pelos resultados positivos ou negativos no ensino, o próprio professor se auto analisa e sempre está em

busca de evolução. Sob esse viés, é evidente que o professor precisa de um feedback positivo do seu trabalho. Então, a medida que essas análises são feitas, o professor se reorganiza para melhor atender seus novos objetivos, que representam uma reestruturação nos seus métodos de ensino. Nesse momento, também se mostra importante a troca de informações com outros professores e com os pais, com a finalidade de tentar entender a história de cada aluno e, assim, desenvolver o melhor método para cada indivíduo.

E mesmo assim, não podemos apostar que todos seus esforços serão bem sucedidos, entretanto, concomitantemente, auxiliar-lhe-á no desenvolvimento da sua identidade docente, pois o amadurecimento acontece em meio as dificuldades do cotidiano. Nessas análises despontam características que antes estavam adormecidas, contribuindo à construção do professor.

Em relação à construção de uma identidade profissional, por se tratar de um processo de formação, até o final do percurso decorrem inúmeras mudanças. Conquanto, se mostra imperiosa a aceitação do novo. Por isso, imperiosas as pesquisas bibliográficas e a análise das entrevistas colhidas pelos acadêmicos, conforme se segue.

3 ANÁLISE DE DADOS

Os dados analisados fazem parte de uma pesquisa qualitativo-quantitativa, na qual foram entrevistados 65 professores, desses, 21 de início de carreira (até 5 anos), 21 de meio de carreira (de 6 a 20 anos) e 23 de final de carreira (a partir dos 21 anos). Desses, verificou-se que: 59 dos entrevistados são do gênero feminino e 6 do gênero masculino. Apurou-se também que 34 dos avaliados são graduados em Pedagogia. O restante em outras licenciaturas.

Por conseguinte, foram feitas perguntas discursivas, ordenadas da seguinte maneira: 1- Fale um pouco das suas origens, quem é você?; 2- Quais os motivos da sua escolha pela docência? Cite pelo menos duas; 3- O que foi mais significativo na sua trajetória de formação inicial para a docência?; 4- Comente passagens marcantes de sua trajetória profissional enquanto professor(a). Cite pelo menos duas; 5- Comente sobre como ocorre sua formação continuada.

Algumas das histórias desses professores entrevistados chamaram atenção. Uma delas foi da professora nº 48, que nos conta com muito orgulho um pouco da sua história de vida e sua trajetória na profissão docente.

Quando perguntada sobre suas origens, mostrou-se um tanto evasiva. Contou que

provém da cidade de São Paulo e que, em busca de melhor qualidade de vida, já reside em Camboriú há 16 anos. Logo que chegou, iniciou sua atividade docente numa escola do município. Relembra que sempre quis ser professora, desde pequena. Conquanto, o que a motivou, de fato, foi o amor por lecionar, por trabalhar com pessoas, principalmente, crianças e jovens. Relata que sempre pensou em fazer diferença na vida das pessoas, entretanto, não desconsidera ter sido influenciada, mesmo que indiretamente, por uma tia que atuava na docência e se comovia com a grande demonstração de amor pela profissão vista nela.

Recorda-se que para concretizar o sonho de ser professora, trabalhou como secretária na sua adolescência, podendo assim, custear o curso de magistério numa escola particular próxima da sua casa. Das passagens marcantes em sua trajetória enquanto educadora, conta que foi escolhida para trabalhar na mesma escola onde fez o curso de magistério dentre todos os alunos da sua turma. Um outro momento importante se deu numa comunidade carente revivido nesta fala:

Marcante, pra mim, foi quando cheguei aqui em Camboriú... Foram as passagens mais recentes, assim, de ter trabalhado por quase doze anos no Caic Jovem Ailor Lotério, que fica ali no bairro Monte Alegre; e ter lecionado para os alunos do primeiro ano na parte vespertina, e do quinto ano no matutino. Eles enfrentam ali uma realidade social muito difícil, então eu tinha alunos que eu estava alfabetizando no primeiro ano, mas também tinha trinta e cinco alunos no quinto ano que não estavam alfabetizados... Então nós montamos ali um projeto; apresentei pra direção da escola onde eu trabalhava alfabetização com os quintos anos... Três vezes por semana eu trazia os alunos de quintos anos pra dentro da sala do primeiro ano, pra dar um reforço a mais, pra conseguir atingir os objetivos, que era alfabetizar aquela turma. Todos os anos que eu trabalhei ali foi nesse sentido: eu via a necessidade do aluno, eles não gostavam, mas como eles já estavam numa defasagem idade-série, uma distorção muito grande, eu tinha adolescentes no quinto ano, mas que não sabiam nem escrever palavras simples... Eles não conseguiam, num ditado de palavras simples, obter sucesso... Então através desse trabalho a gente conseguiu alfabetizar os alunos dos quintos anos, mas trabalhando como se eles fossem ali no início do primeiro ano pra eles conseguirem aprender a ler [e] escrever; o que é um direito, é um direito que todos nós temos que ter garantido e as crianças estavam sendo privadas desse direito... E pra que eles se interessassem para aprender e pelos estudos... Nada chamava atenção deles, os livros didáticos que nós recebíamos do governo, eles não gostavam... Os textos apresentados no quinto ano, eles não gostavam... Os do primeiro [ano], pra eles, não faziam sentido, né, por que não era da realidade... Então eu comecei a trabalhar com eles através do hip-hop. Eu trazia as letras de hip-hop, as músicas, trazia aparelho de som, tapete de dança pra sala de aula e, dessa forma, a gente conseguiu alfabetizar as crianças... Então isso foi muito marcante. (ENTREVISTADA nº 48)

Dessa forma, compreendemos que a formação do professor vai além do curso de pedagogia, o docente terá por objetivo uma luta constante no que se refere a sua função, pois o profissional da área da educação tem o compromisso de possibilitar às crianças, jovens e adultos a oportunidade de desenvolverem-se como seres humanos e cidadãos

através da escola. Por conseguinte, terá que buscar sempre aperfeiçoar o seu trabalho para melhor direcioná-lo em suas práticas pedagógicas, ser um observador atento, para identificar onde existem e quais são as dificuldades de cada indivíduo, e estar preparado para utilizar métodos diferentes para cada dificuldade encontrada.

Acreditamos no potencial dos educadores para construir propostas educativas coletivas plurais. É tempo de inovar, atrever-se a realizar experiências pedagógicas a partir de paradigmas educacionais "outros", mobilizar as comunidades educativas na construção de projetos político-pedagógicos relevantes para cada contexto. (CANDAU, 2015, p. 22)

Os fatos relatados nas entrevistas analisadas indicam que a maior parte dos educadores vieram de outras cidades e estados. Muitos são de família humilde e com pouca instrução. Alguns professores relataram que a docência não foi sua primeira opção na hora de escolher uma graduação, mas se revelaram encantados com o trabalho docente. Conjuntamente pode-se observar que a maioria dos entrevistados continua buscando especializações na área da educação, investindo na formação continuada.

Assim sendo, pensa-se na formação continuada como um ato fundamental para o exercício profissional docente, na intenção de despertar a busca pelo conhecimento e o aprimoramento da prática pedagógica. Nesse sentido, entende-se que a formação do professor é de extrema importância para a prática educativa, a qual se posiciona sua profissionalização cotidiana no cenário escolar.

Portanto, é importante entender o sentido da profissionalização docente e em que consiste. Percebe-se que está ligada a formação inicial e continuada, bem como em seu desenvolvimento profissional, em seu cotidiano como educador, por conseguinte, também mostrando-se interligado à política de estado.

De um lado, estão os professores que buscam na sua profissionalização tanto a construção de sua identidade quanto o desenvolvimento profissional, lutando por uma educação pública e democrática e, de outro, o Estado controlador e regulador das atividades docentes, que imprime uma visão de eficiência ao processo educativo, sob a lógica da gestão por resultados. Nessa perspectiva, a educação pública vai se transformando em um quase mercado. (RAIMANN, 2015, p. 06).

Pimenta (2009) ressalta que o professor bem qualificado e apoiado na sua profissionalização, certamente terá completa autonomia em sala de aula nas séries iniciais, podendo direcionar a sua classe, juntamente com seus alunos, a melhor forma de desenvolver os conhecimentos. Para isso o educador precisa dominar seu trabalho, e esse domínio é construído no cotidiano, praticando seus saberes pedagógicos.

O saber pedagógico é o saber que o professor constrói no cotidiano de seu trabalho e que fundamenta sua ação docente, ou seja, é o saber que possibilita ao professor interagir com seus alunos, na sala de aula, no contexto da escola onde atua. A prática docente é, simultaneamente, expressão desse saber pedagógico construído e fonte de seu desenvolvimento. (PIMENTA, 2009, p. 43).

Voltando aos relatos dos professores entrevistados, percebe-se a importância na análise dos dados coletados. As narrativas sobre suas histórias de vida, nos fazem refletir sobre a docência e o caminho que se percorre nessa profissão. Algumas dessas histórias parecem até que se cruzam em determinados momentos, mesmo pertencendo a épocas diferentes. Esses fragmentos das memórias de vida foram transformando-se dia após dia. Da infância até os dias atuais. Presume-se que muitos dos acadêmicos que analisaram as entrevistas se identificaram com algum trecho relatado. Dessarte são histórias relevantes que marcarão nossa caminhada docente.

Nesse sentido, o livro "Como me fiz professora" possui uma passagem em que uma das autoras menciona que os professores dos cursos de graduação deveriam trabalhar com as histórias de vida dos acadêmicos, pois considera que os mesmos já trazem uma bagagem na área da educação. Mesmo sem terem atuado na profissão, que a construção da identidade se institui muito antes de iniciar o curso. Essa narrativa desperta-nos a lembrança da primeira semana como acadêmicos, quando cada um contava um pouco da sua história de vida e que cada dia surgia uma informação nova na história desse indivíduo que apresentava-se para pessoas desconhecidas. Foram momentos de muito aprendizado, fazendo-nos perceber que numa sala com mais de 40 estudantes encontram-se diversas culturas, faixas etárias diferentes, religiões, experiências e saberes diferentes, tornando esse ambiente rico de conhecimentos empíricos relevantes a nossa formação. Dessa forma auxiliando na construção da nossa própria identidade docente.

Não me fiz professora, me construo professora, cotidianamente, em diferentes instâncias nas quais tenho interagido, nas diferentes interlocuções que tenho feito, nas múltiplas teias de relações que tenho tecido: o rico espaço da escola pública, empobrecido pela falta de políticas comprometidas com a educação; [...] as múltiplas vozes cotidianas de alunos (as), professores (as) da escola pública, educadores(as) populares que em suas narrativas trazem experiências, sabedoria [...] hoje, sou professora. E apesar de tantas pessoas terem marcado minha trajetória de vida/profissão, terem participado da construção, sempre provisória, de minha identidade docente, como diz o poeta, "... tudo isso que é tanto, é pouco para o que quero", ainda há muito a construir, há muita história para ser ouvida e para contar e é nesse potencial humanizador e solidário das Histórias de Vida que acredito para tecermos novas teias de relações que possibilitem a construção de identidades diversas, mas mantendo a unidade, como propõe o mestre Paulo Freire. (VASCONCELOS, 2003, p. 39-40).

Logo, todo o conhecimento e aprimoramento conquistado terá um efeito poderosíssimo em sala de aula, nas práticas e didáticas com os alunos, tendo em vista toda a diversidade de indivíduos e problemáticas que frequentemente são encontradas em sala. O professor bem preparado encontra mais facilmente maneiras de solucionar eventuais problemas e contrapor as dificuldades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa tinha-se como objetivo aprimorar nosso conhecimento enquanto discentes além de promover o melhor entendimento do processo de identificação com o trabalho docente, assim como a construção da identidade profissional.

O objetivo geral desse artigo era que nos aprofundássemos nos conceitos de Educação, Pedagogia, profissão e profissionalização docente. Nesse sentido, é nítido perceber que conseguimos entender os conceitos de cada assunto proposto, já que utilizamos bibliografia de vários autores analisando todos os aspectos e diferenças que cada um desses acreditava. Além disso, esses mesmos conceitos foram frequentemente discutidos em sala, nos proporcionando melhor entendimento.

Já o objetivo específico desse estudo era compreender como ocorria o processo de construção da identidade profissional docente. Portanto, analisando as entrevistas com os professores verificou-se que o processo de construção de suas identidades docentes estavam entrelaçadas com suas histórias de vida e que essa identidade não era algo permanente; ela ia se moldando de acordo com as complexidades encontradas em seu cotidiano, como também do local de trabalho. Assim, adaptavam-se às regras e normas daquela comunidade escolar onde estavam inseridos e reconstruíam suas identidades a partir daí. Isto foi comprovando também nos estudos feitos em bibliografias de alguns autores. Percebeu-se também que para aperfeiçoar seus métodos de ensino e encontrar a melhor forma de desenvolvê-lo, a maioria dos professores preocupava-se com sua formação continuada, sempre correndo atrás de cursos de aperfeiçoamento na área da educação. Dessa forma, compreendemos todo esse processo de construção da identidade docente, confirmando, assim, que desde que iniciamos o curso de Pedagogia já estamos construindo nossas identidades docentes.

No entanto percebe-se que a maioria dos acadêmicos teve dificuldade com as

entrevistas e na análise delas. Verifica-se que a maior parte dos professores entrevistados respondiam às questões com frases curtas, como se estivessem sendo cronometrados, o que acabou delimitando um pouco o contexto. Além disso, percebe-se que faltaram algumas perguntas importantes que agem demasiadamente na vida do profissional e molda também sua identidade.

Poderíamos ter incluído perguntas sobre as condições de trabalho e remunerações, bem como os seus horários de trabalho em cada escola, pois com perguntas desse tipo poderíamos ter uma visão mais ampla de como essas condições podem contribuir na construção daquele profissional docente.

No decorrer dos estudos para preparação desse artigo verifica-se o quão importante foi esse processo de construção. Tendo em vista todo o aprendizado envolvido, todos os contextos observados, bem como as discussões em grupo, toda essa análise nos fez crescer como indivíduo, fazendo-nos perceber qual será a importância do nosso trabalho como educadores.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil**. 3ª ed. Rev e Ampl. São Paulo: Moderna, 2006. p. 24, 227-228, 306-307.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 03 - 05.

CANDAU, Vera Maria e SCAVINO, Susana Beatriz (org.). **Educação: Temas e debates**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 22.

ENTREVISTADA Nº 48. **Entrevistas coletadas pelos acadêmicos**. Arquivos LP19. 2019. p. 59.

LAWN, Martin. Os Professores e a Fabricação da Identidade. **Currículo sem fronteira**, v.1, n.2. p. 117-130.

NÓVOA, Antônio. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Palestra de Antônio Nóvoa ao Sindicato dos Professores de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf>.

PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 18-44

RAIMANN, Elizabeth Gottschalg. A profissionalização docente e seus desafios. **Revista eletrônica Educare**, 2015. p. 06. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22668_10962.pdf.

VASCONELOS, Geni Amélia Nader (org.). **Como me fiz professora**. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 39-40.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro, D'AVILA, Cristina Maria (orgs.). **Profissão Docente**: Novos sentidos, novas perspectivas. 2º ed. Campinas - SP: Papirus, 2008. p. 15.